

“Decifra-me ou te devoro”: A Esfinge se chama Capitu.

Resenha de: SCHPREJER, Alberto (org.). **Quem é Capitu?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Francisco de Souza Gonçalves

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, Brasil<sup>1</sup>

Felizmente, uma nova edição surge discutindo a boa literatura brasileira. Muitas vezes olvidados, por muitos leitores, os clássicos da pátria mantêm, impávidos, a sua realeza, como diria Davi, num de seus Salmos: “Á direita do Rei / com veste esplendente de ouro de Ofir”<sup>2</sup>. Patenteia-se a qualidade através da eternidade, o tempo (Chronos<sup>3</sup>) é impiedoso com o que é medíocre, porém entroniza o Genial.

Cem anos depois, Machado de Assis, o Bruxo do Cosme Velho, “aquele que nunca se foi”, ressurge com mais pujança e esplendor. O maior escritor brasileiro emerge nos horários nobres televisivos, cinemas, livros e mais livros, conferências, estudos. Entre “segredos” e “códigos” (e a quebra dos mesmos), tão estrangeiros quanto seus autores e enredos, esse maravilhoso ícone da literatura universal é reverenciado. Com uma obra que passeia por todos os gêneros, Machado permanece atual: suas personagens continuam vivas, caminhando entre nós. Dessas obras, uma das mais famosas é *Dom Casmurro*: trama de personagens fortíssimos e lapidares, esculpidos minuciosamente, “à carrara”; tratando, não só do homem que dá nome ao título do livro, Bento Santiago, mas de uma criança, uma adolescente, uma mulher, chamada Capitolina, que no decorrer da obra, *torna-se* Capitu.

Em “Quem é Capitu?”, há a tentativa de esquadrinhamento desta grande personagem machadiana. Conforme se pode presumir pelo título, é ela, Capitu, o grande fulcro, a grande questão a ser decifrada. Mostrando que, assim como seu criador, continua a intrigar os leitores de todas as gerações, garantindo seu lugar no panteão da posteridade. A grande novidade desta obra de análise e discussão da personagem reside na proposta dialógica que porta. Escritores, professores, artistas, historiadores, jornalistas e psicanalistas, abordam o assunto, como numa mesa redonda, fornecendo ao leitor uma visão multifacetada, não só de Capitu, mas de Bento/Casmurro, da obra como um todo e de seu autor. Estes são postos sob o microscópio, tornam-

---

<sup>1</sup> Pesquisador do CNPq – Universidade Católica de Petrópolis

<sup>2</sup> Livro dos Salmos, cap. 44.

<sup>3</sup> Forte figura representativa do tempo. Titã, esposo de Rea e pai dos deuses olímpicos, alimentava-se dos próprios filhos, até que Zeus, com o auxílio de Rea, abre seu ventre, salvando seus irmãos, assim formou e proclamou-se o chefe do panteão mítico Greco-Romano.

se objeto de escrutínio minucioso.

Constitui-se uma obra de inestimável valor, pois entrega ao leitor linhas magistrais. Na medida em que propõe uma verticalização analítica, promovida por um sem número de olhares distintos, porém complementares, até mesmo quando discordam na questão da traição ou não de Capitu: seria Bentinho o “Otelo brasileiro”<sup>4</sup>? São dignas de nota as opiniões de: Otto Lara Resende X Silviano Santiago – fonte inigualável de riqueza! Onde tal confrontação de idéias poderia ser vislumbrada tão de perto? Além disso, através desse tipo de abordagem, tem-se a oportunidade de, não só aproveitar textos científicos sobre a temática, mas manifestações textuais artísticas. Destaca-se, dentre essas tantas, a releitura, em forma de conto, formulada por Luis Fernando Veríssimo, que ousadamente, sugere um elemento homoerótico no triângulo amoroso mais famoso da literatura brasileira. Escrevem, ainda: Lya Luft, Millôr Fernandes, Lygia Fagundes Telles, Mary Del Priore, Fernanda Montenegro, Carla Rodrigues, entre outros nomes de peso. Os contos, crônicas, ensaios, artigos, análises sobre Capitu são singulares e riquíssimos.

Machado, em sua genial perspicácia artística, percebeu o que, só muito tempo depois, Beauvoir<sup>5</sup> expressaria em frase lapidar: “A mulher não nasce, torna-se”. Dessa forma, o grande “Bruxo” concebeu Capitu construindo-se, num gradativo processo de não conformação com as formas engessadas, imputadas às mulheres de seu tempo. Será esse o pecado de Capitu? Será esse o pecado de Eva? O pecado da Mulher desde o início? Muitos dos autores analisarão tal assertiva.

Mas, por que Capitu? Seria por causa do insondável mistério da traição ou não-traição, assunto recorrente, exaustivo e inexaurível, infindável? Muitos podem pensar que sim, que é a polêmica da infidelidade que põe o carvão na locomotiva e faz com que o assunto renda por mais de cem anos. Em pé de igualdade com as grandes personagens femininas da ficção mundial, Capitu, conforme afirma Fernanda Montenegro em seu pequeno ensaio: “é universal como literatura e como perfil de mulher”. Todavia, o que faria dela este ícone literário singular? Modernamente, a obra em questão demonstra isso, a tendência é pensar que é a própria Capitu, não mais que ela, quem faz com que o assunto nunca termine. O fascínio que ela exerce é chave do seu “centenário e estrondoso sucesso”.

Pode-se corroborar com muitos dos ensaístas da obra: Capitu porta, em si, características do feminino primevo, que Carl Gustav Jung denominou “Feminino

<sup>4</sup> Trabalho textual de Helen Caldwell, em que a pesquisadora muda todo o foco de análise da obra e levanta a dúvida da traição, ao tirar a credibilidade do narrador, Casmurro: tal trabalho é de fundamental importância e de suma representatividade para uma nova perspectiva sobre a obra e as personagens machadianas.

<sup>5</sup> Referimo-nos a Simone de Beauvoir, filósofa e escritora, famosa autora de “O Segundo Sexo”.

Arquetípico”, que se traduziria em formas específicas de entender a mulher, fundadas no inconsciente coletivo: “conjunto de elementos que não provém da experiência nem da cultura, mas que antes parece ser parte de um patrimônio genético simbólico”<sup>6</sup>.

Desde o paleolítico, a mulher é vista como uma figura peculiar, capaz de causar ou o estranhamento total e completo, medo, por parte do homem, ou a admiração extasiante, adoração: temos, assim, o feminino entre dois extremos, a “demonização” e a “divinização. Tal bipolaridade pode ser enxergada em diversas mitologias de povos distintos, cujas figuras de deusas, representações legítimas da psique humana estão sempre repletas desse polidimensionamento do feminino: vida e morte, a mesma dispensadora da vida, a Grande Mãe, é também a portadora da morte, já que era sempre a mulher quem preparava os corpos para o sepultamento ou cremação. A mulher guarda o solar e o obscuro, o uraniano e o ctônico em si: Deméter, Isis, Juno, representações maternais e solares, mas também a morte e escuridão, Hécate, Prosérpina e Morrighu<sup>7</sup>; feminino projetado na Lua, como Artémis, em suas fases de vida e morte<sup>8</sup>.

Assim, a mulher, mesmo quando silenciada pela castração psicológica masculina ou pelos propósitos moralistas de “educação da mulher”, promovidos no século XIX, *época de Capitolina*, faz-se apaixonante e inegavelmente misteriosa. Capitu ilustra o bivalente, guarda, mesmo na mentalidade de Casmurro, as mesmas dualidades das quais falamos. Verticalizando um pouco mais, a persona de Capitu agiganta-se, titaniza-se ao longo da obra. É a dispensadora da vida: a mãe do pequeno Ezequiel; e da morte, supostamente tragando Escobar com os seus olhos de ressaca. Metaforicamente, mata Bento Santiago e dá a vida ao vetusto Dom Casmurro. Na casca da menina Capitolina, já residia a mulher Capitu; assim como, já existia Casmurro em Bentinho: dualidade na unidade. Dessa maneira, Capitu é retratada: Mulher, em busca da “glória”<sup>9</sup>, nas descrições do narrador machadiano afigura-se “celeste”. Também talássica, uma deidade como a grande Calipso, em sua similitude com o mar: misteriosa, silenciosa, porém letal. Ligada à morte, como Medéia, *pharmakós*<sup>10</sup>, cigana e bruxesca aos olhos de Bento, quando da morte de Ezequiel. Capitu mostra-se mulher dos quatro elementos, a *Natura* encarnada.

Apesar disso, o que se nota, após metade da obra, é o silêncio, a impassibilidade da personagem diante de Bento. Com um mundo de representações dentro de si, seu criador lhe faz muda. Assim, todos emudecem diante dela – como diante da grande Esfinge, permanecem todos imersos no mistério de Capitu. Todos “devorados”, afogados em seu olhar de “cigana oblíqua e

<sup>6</sup> MASON, Johann R. O Arquétipo da Mãe *in* MENTE E CÉREBRO: As faces do feminino – Edição Especial nº 18, ISSN: 1807-1562. Scientific American/ Duetto Editorial: São Paulo, 2009.

<sup>7</sup> Deusa celta da guerra, fortemente associada à morte: é o arquétipo do *psychopompos*, i.é, aquela que conduz as almas na morte, é representada por um corvo.

<sup>8</sup> A deusa Diana (Artémis grega) apresentava-se como a Lua, em três fases: Febe (celeste), Diana (terrena) e Hecate (nos infernos)

<sup>9</sup> Numa abordagem onomástica: conquista d. Glória, muda-se com a família para o bairro na Glória, entendendo-se glória, como o símile do celeste; lembra-nos a Beatriz, de Dante diante do Sol, transfigurada, em *A Divina Comédia*.

<sup>10</sup> Epíteto de Medéia, erroneamente traduzido como bruxa, significa “aquela que é hábil com ervas e medicamentos”.

dissimulada”.

“Quem é Capitu?” Capitu é Absoluta Mulher-Deusa, esfíngica na essência: indecifrável.

<sg.francisco@gmail.com>